EDITORIAL A CONVITE

Recebemos com satisfação o convite para participar, como editores nos próximos dois anos, da *Revista Brasileira de Psicoterapia*. Além do apreço que temos pelo CELG, origem de nossa formação, acreditamos na importância da Revista em nosso meio e compartilhamos com os editores anteriores o desejo de nacionalizá-la.

As publicações científicas estão atualmente em processo de mudança. Hoje em dia, não basta apenas a qualidade dos artigos publicados, mas também se a revista está indexada e qual o seu fator de impacto.

Conhecemos e admiramos os esforços dos que nos antecederam e temos como meta a manutenção das indexações já conquistadas, além da tão difícil periodicidade. Já começamos a trabalhar e estamos prestes a lançar sua editoração eletrônica.

Nossa Revista é a única no Brasil dedicada exclusivamente à Psicoterapia; portanto, temos o desafio de continuar num patamar que mantenha a característica de estimular o diálogo científico entre as diferentes técnicas psicoterápicas, servindo de atualização ao nosso trabalho na clínica e, apesar da dificuldade em conseguir novas indexações, esperamos poder contar com a colaboração dos autores.

Nesta intenção de vencer desafios, agradecemos o entusiasmo com o qual nossos colegas do conselho editorial aceitaram o convite: Ana Paula Mezacaza Filippon, Caroline Buzzatti, Lisia Von Diemen, Norma Utinguassu Escosteguy, Nyvia Oliveira Sousa, Regina Margis e Regina Palma. Além disso, esperamos seguir com a competência e dedicação de nossa secretária Tanise.

Gislaine Verginia Baroni e Victor Mardini

1,05

Sobre Piera Aulagnier – uma psicanálise original e atual

On Piera Aulagnier – an original and current psychoanalysis

*Augusta Gerchmann**

Resumo

Este artigo busca introduzir o leitor na obra de Piera Aulagnier, psicanalista ligada a Sociedade Francesa, da época de Lacan, contestada e contestadora que contribuiu para a psicanálise através de idéias originais sobre a construção do aparelho psíquico, considerando-o dentro de um espectro mais amplo, um espaço relacional, vincular, entre o bebê e o ambiente – relação parental, desde antes do nascimento. Acrescenta ao processo primário de Freud um período anterior que nomeou de *"processo originário"*, localizando neste período as patologias mais regressivas, bem como estados transitórios por onde poderá passar o ser humano em momentos regressivos, sem caracterizar patologia mais severa. Ao conceito de estruturas de Freud chama de potencialidades que poderão ser passageiras ou permanentes.

Descritores: psicanálise; teoria psicanalítica; teoria psicológica.

Abstract

This article aims to present the thoughts of Piera Aulagnier, an associate member of the French Psychoanalysis Societ, Lacan's former patient and *protégé*, with whom she severed for the same reasons she disjoined the International Psychoanalytical Association, moving against the centralized power carried out by the Societies and analysts over their candidates. Original theorist and clinician, she is grounded, fundamentally, on Freud's and Lacan's works. She has established a prior moment in Freud's primary process, which she called the "originary process", believing the baby is the result of a relational binding space, constituted since the desire of its conception. In this

* Psicóloga, Psicanalista, Membro Efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA), Membro Pleno do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre, docente do Contemporâneo – Instituto de Psicanálise e Transdisciplinaridade.

"originary process", she finds the fixing point of the most regressive pathologies, such as psychosis, as well as the times in which the subject regresses to a certain moment of its life without establishing a severe pathology. She also deals with the transgenerational issues through a process she calls the "encystment inside the Ego".

Keywords: psychoanalysis; psychoanalytic theory; psychological theory.

Introdução

Suas origens[1,2]

Piera nasceu em Milão, a 19 de novembro de 1923, ano em que Freud publicava o maior de seus artigos da segunda tópica – *o Ego e o Id*[3]. Registrada como Spairini, viveu seus primeiros anos no Egito, onde adorava praticar equitação e, mudando-se para a Itália, foi criada em grande parte por seus avós. Formou-se em medicina na cidade de Roma, defendeu seu trabalho de conclusão em neuropsiquiatria e em 1950 seguiu para Paris para aprofundar seus conhecimentos em psiquiatria.

Sabe-se informalmente, porque muito pouco falava de si, que teve uma vida difícil com a mãe, atribuindo-se a este motivo seu grande interesse pela psicose, dedicando-se, durante seus primeiros 10 anos como psiquiatra, a trabalhar com psicóticos.

Do casamento com um francês da Borgonha conservou seu sobrenome Aulagnier, com quem teve um filho, Claude, que seguiu a psiquiatria e é radicado em Yonne – um departamento da França localizado na região da Borgonha.

Divorciou-se depois de alguns anos, casando-se com o filósofo e psicanalista Cornelius Castoriadis, com quem partilhou muitas concepções teóricas em psicanálise, com uma abrangência filosófica e social.

Faleceu em 31 de março de 1990, em Paris, vítima de câncer, deixando uma grande obra que vem sendo, lenta e gradualmente resgatada, inclusive pelos Institutos de Psicanálise das Sociedades ligadas a IPA.

Sua formação analítica

Realizou sua formação psicanalítica na Sociedade Francesa de Psicanálise, analisando-se com Jacques Lacan, entre 1955 e 1961 e, depois, com Serge Viderman. Era uma Sociedade recém fundada, em 1953, por Daniel Lagache e Françoise Dolto, entre outros, fruto da cisão com a Sociedade Psicanalítica de Paris. Tornou-se, depois da análise, discípula de Lacan e o acompanhou até 1963, afastando-se, juntamente com Lacan, da Sociedade Psicanalítica de Paris e fundando a Escola Freudiana de Paris. Em 1968 é a vez de Piera afastar-se da Escola Freudiana de Paris, bem como de Lacan. Para ela, aquilo do qual Lacan rejeitara na Associação Psicanalítica Internacional, foi o que passou a praticar na Instituição criada por ele[1,2] .

Piera não aceitava a concepção hierárquica que sustentava a formação analítica e o poder que os analistas se atribuíam em relação aos seus analisandos, principalmente no que dizia respeito a análise didática. O conflito se estabelecera em torno da formação analítica e do lugar atribuído ao analista – chamado **didata** e do analisando – chamado **candidato**.

Tampouco aceitava a falta de liberdade dos candidatos na escolha de seu analista que deveria, impreterivelmente, compor o quadro de analistas didatas do Instituto de Psicanálise das Sociedades.

Neste ano (1968), já afastada de Lacan, apresenta seu primeiro trabalho sobre a prática analítica, defendendo sua posição ideológica, intitulado "*Como podemos não ser persas?*"[4] e no ano seguinte – 1969, dá continuidade a este artigo com o trabalho "*Sociedades de Psicanálise e Psicanalistas de Sociedade*"[5]. Desta forma, juntamente com um grupo, **questionava**, com muita ênfase, o direito de monopólio de alguns analistas como herdeiros do legado freudiano, kleiniano, lacaniano, como donos de um saber – Sujeito Suposto Saber, em oposição ao que defendera Freud em *Totem e Tabu – aquilo que tenhas herdado de teus pais, conquista-o para faze-lo teu*[6].

Assim, em 1969, Piera, acompanhada de outros 10 analistas oriundos de EFP, fundou o *Quatrième Groupe*[1,2,7]. Caracterizava-se por ser um grupo independente, sem ligação com a IPA nem com a escola lacaniana. Ao nome do grupo agregou-se a sigla Organização Psicanalítica da Língua Francesa, marcando sua característica maior, de pluralidade teórica, em que nenhum grupo tem o direito de reivindicar a exclusividade de herança e de ser mais capaz de transmitir a teoria de um ou outro autor. O Grupo organizou uma revista que batizou de *Topique*, não por acaso. O nome remetia a diferentes áreas da metapsicologia freudiana e a pluralidade da psicanálise, sobretudo porque a própria Piera contemplava outros autores como Klein, Bion e Winnicott para compreender o drama humano que consistia a psicose, como uma patologia determinada sobremaneira por uma falha do ambiente e pela história de vida dos que constituíam o ambiente – carregada em seu Inconsciente e depositada na geração seguinte.

Ao fazer estudos sobre o autismo, buscou nas descobertas de Francis Tustin e Donald Meltzer o que estes já tinham desenvolvido sobre o tema.

Partindo da concepção de psiquismo precoce e do conceito de vincularidade, estendeu sua teoria para o processo de formação analítica e para a relação entre analista e analisando, dentro do ambiente das instituições, contribuindo muito, desta forma, para a Psicanálise e para a singularidade do sujeito psíquico, de sua autonomia de pensamento, bem como para

a formação dos futuros analistas, ao defender sua possibilidade de pensar livremente.

Diferentemente de Lacan, foi sempre coerente na defesa de seus aportes, mas pagou o preço pelo amor a verdade ao ser considerada uma analista transgressora, por ir contra ao poder que as Instituições psicanalíticas exerciam sobre seus candidatos e analisandos. Durante muitos anos foi proibida de ser citada em trabalhos nas Sociedades ligadas a IPA, levantando polêmica ao mesmo tempo que atraia por sua seriedade e rigor científico.

Aporte teórico e clínico

Fundamentava-se na crítica a Lacan de que o discurso é chamariz que engana, uma vez que assim, a teoria sobre seu enunciado também seria enganoso. Para ela, uma coisa é dizer que não haverá jamais uma verdade definitiva e que toda verdade não é nada mais que um momento em uma busca, outra coisa é pretender que toda verdade não é sempre mais que um erro, que será substituída por outro erro e, assim, uma repetição sem fim. Este enunciado é um paradoxo e só se sustenta porque aquele que o enuncia está convencido de que estes enunciados sobre o que é verdadeiro e falso são verdadeiros. Se isto é levado até suas últimas conseqüências, se desqualifica toda relação com a realidade[8].

Neste sentido, a teoria sobre seu enunciado, com o qual transforma a teoria em uma série de certezas constitutivas de um dogma que permaneceria eternamente igual, poderia levar o sujeito ao assassinato do pensamento perpetrado por sua alienação ao dogma imutável e intocável. A base de todo pensamento teórico verdadeiro seria pensar a teoria como um momento do conhecimento, possibilitando ir para outro momento.

Para este modo de pensar, criou a **teorização flutuante**[1,2,9]. Esta deve acompanhar a atenção flutuante, como um dos pilares da técnica psicanalítica, ao denunciar que na patologia da teoria há um desgarramento da clínica quando deveriam ser os analisandos quem formulariam sua própria teoria, enquanto os analistas, não poderiam ou não deveriam fazer uma intrusão violenta de seus próprios referenciais teóricos, sob pena de exercer uma **violência secundária**[2,7,9,10] semelhante ao que a mãe, carregada pelo seu próprio desejo, acredita saber o que é o melhor para seu filho, semelhante a história de Schreber com seu pai – um discurso enlouquecedor.

É em torno da teoria que constrói sobre o "Estado de Encontro e o Conceito de Violência"[2,7,9,10], que fundamenta sua obra e compreende as psicoses, bem como a neurose, a perversão e as somatoses, chamando-as de potencialidade, o que equivale ao esquema das estruturas estabelecidas por Freud.

Eminentemente freudiana, considerou, na criação de sua teoria, apenas a segunda tópica. Pensava as patologias narcisistas, concebendo o

narcisismo primário a partir de Freud, se bem tenha diferido deste ao ter genialmente descoberto um período anterior, que chamou **processo originário**[2,7,9,10], fundamentando as patologias mais regressivas. Para ela, a potencialidade psicótica assinala um conflito interno do Eu, uma fixação a fase auto-erótica prévia a fase narcisista.

Dirá, nas palavras preliminares do livro *A violência da interpretação*[9] que os psicanalistas tem uma dívida com os psicóticos ao não buscarem compreender uma verdade histórica que eles denunciavam em seus delírios. Desta maneira, segundo ela, os analistas deveriam preparar-se para uma nova construção que possibilitasse uma escuta mais sensível e mais atenta a mensagem que o paciente luta para transmitir.

Para Piera, o bebê nasce num espaço relacional, vincular, e, desde o início, sofrerá as conseqüências do discurso do ambiente. Concordando com Freud que o Ego contém a história das escolhas de objeto, agregou que o Ego é efeito da apropriação dos enunciados identificatórios que sobre ele formularam os objetos investidos. Ao se impor um relato histórico cujo enunciado carece de fundamento, levará a ocultar esta falta substituindo-a por um enunciado falso, já que:

No **encontro inaugural** há um duplo encontro[9]:

1) entre o espaço corporal da mãe e o espaço corporal do bebê e 2) entre o espaço corporal do bebê e o espaço psíquico da mãe.

A relação da mãe com o bebê é marcada pelo seu relacionamento com o pai do bebê, por sua própria história infantil, conflitiva edípica, pela relação com o seu corpo, organizando e determinando o tipo e qualidade de investimento libidinal da criança.

Concordava com Lacan que o Eu é uma instância vinculada ao aparelho de linguagem, uma vez que se origina nos primeiros enunciados produzidos pelo discurso materno e não como Freud concebeu como um aparelho de memória. Porém, discordava do primeiro quanto a concepção do Eu, que para ela não está condenado ao desconhecimento, nem é uma instância passiva, apesar de, inicialmente, seus primeiros identificantes serem provenientes do discurso materno[9,11].

Não concebia uma indiferenciação entre ego-id no momento inicial, porque o id não seria estruturado como linguagem. O eu serve ao id como seu único decodificador. Pensava no superego como o ideal ao que o ego se propõe com suas exigências e excessos que advém do ambiente.

Desta maneira, Piera preconizava a necessidade de estudar-se a relação realidade-psíquica – realidade de fato, sob pena de deixar-se de fora o vínculo que o sujeito estabelece com a realidade desde o início, metabolizando as informações recebidas quando sofre a **violência primária**[9].

A **violência primária**[2,7,9] consiste de uma ação mediante a qual se impõe à psique do *infans* uma escolha, um pensamento, uma ação, desde o exterior, motivados no desejo daquele que se impõe e apoiado no registro da

necessidade. As palavras e atos maternos se antecipam ao que o bebê pode conhecer deles, uma primeira violação de um espaço e de uma atividade que obedece a leis heterogêneas ao Eu, nomeando o desejo do bebê e inserindo este novo ser no mundo.

Para Piera, *a **violência** operada pela interpretação da mãe em relação ao conjunto das manifestações vivenciadas pelo infans[a] é, pois, indispensável: constitui a ilustração paradigmática da definição que propomos da violência primária*[9]. Consiste de uma **violência** tão absoluta quanto necessária, para que o sujeito se constitua, quando a mãe apresenta o mundo ao *infans* e o nomeia segundo sua própria representação deste.

No caso da esquizofrenia, Piera diferencia o desejo de mãe (de maternidade), do desejo de filho. *O desejo de maternidade é a negação de um desejo de filho*[9]. O desejo de maternidade expressa o desejo de reviver, em posição invertida, uma relação primária com a mãe, excluindo, sobretudo, o momento de origem do bebê, já que, ao abandonar o corpo materno, estaria excluindo também seu passado, que, na sucessão temporal, representaria o ponto de partida à partir do qual se organiza um novo tempo e que nenhum outro sujeito teria o poder de inverter. Neste sentido, se assistiria uma mutilação exercida pela mãe desde o primeiro momento, com relação a singularidade do bebê que chega ao mundo, de seu corpo, seu tempo e seu destino.

Piera compreende a atividade de representação do psiquismo como um equivalente do trabalho de **metabolização**, característico do funcionamento orgânico[9], através do qual, desde o início, o sujeito é afetado e afeta o meio, quando ele poderá rechaçar um elemento heterogêneo a respeito da estrutura celular, ou transformar em um material que se converta em homogêneo a ele. Nesta analogia, o elemento absorvido e **metabolizado** é um elemento da informação que acompanhada a intervenção do ambiente – a palavra ouvida.

Para Freud, as representações-palavra são restos mnêmicos que o *infans*[a] assimila no vínculo com sua mãe, como fruto da transformação da alteração interna, quando, de chegada, ele só é capaz de expressar suas emoções através de gritos ou inervação muscular. Esta é a base sobre a qual origina-se a linguagem propriamente dita. A representação-palavra surge no psiquismo, a princípio, para aperfeiçoar e, posteriormente, tornar possível a percepção das representações-coisa pela consciência, mercê da sua transformação em uma percepção auditiva, por exemplo, com o que os sons são percebidos e posteriormente se tornam registros mnêmicos.

Assim, a palavra dita constituiu-se do resto mnêmico da palavra ouvida; e para Piera Aulagnier, um excesso de informação que acompanha também o ato da alimentação, denominada de **violência secundária**[9],

[a] Palavra derivada de *fari, do latim, falar.* Expressão que designa o bebê que ainda não fala.

poderá gerar o rechaço ao alimento, fechando a boca, mas não poderá tapar a cavidade auditiva, devido à importância atribuída à voz e aos enunciados do **porta-voz** (mãe), a não ser às custas de um rompimento com a realidade que se impõe[9]. A diferença reside em que estas mulheres podem aceitar que alguém tenha nascido, mas não que seja algo novo.

A **violência secundária** é, diferentemente da **primária**, uma violência que se exerce contra o Eu, tanto ao se tratar de um conflito entre diferentes Eus, quanto de um conflito entre um Eu e o mandato de um discurso social cuja única meta consiste em opor-se a toda mudança nos modelos instituídos por este Eu. Será nesta área de conflito que se armará o problema do poder, pelo discurso alienante da mãe e/ou do pai, impedindo que a informação seja metabolizada e se transforme em idéia, para poder ser **pensável** pelo próprio eu da criança. Afeta a tradução simultânea, por isto enlouquece.

Este modelo defende a hipótese de que a atividade psíquica está constituída pelo conjunto de três modos de funcionamento, ou por três processos de metabolização: **processo originário, primário e secundário**[7,9].

No **processo originário** é ignorado o signo de relação; a inscrição psíquica desse momento é baseada na sensorialidade, quando o bebê é afetado por alguém que ainda não é reconhecido como Outro.

Para ela, junto com o corpo biológico e o corpo erógeno trabalha o corpo sensorial e nesse registro o conjunto das funções sensoriais é também fonte de informação libidinal, transformando o somático em psíquico, sem o reconhecimento da existência de dois espaços (eu - não eu) em separado.

Quando o psiquismo se encontra neste período, o sujeito não sabe de si nem do outro, simplesmente sofre as conseqüências daquilo que lhe é imposto. Na amamentação, junto com o leite o bebê ingere uma palavra, um significante do desejo materno que, no entanto, ele ignora como sendo da mãe. O que é representado por ela se apresenta para o psiquismo como representação de si mesmo, como obra de seu trabalho autônomo, reconhecendo nela o engendramento de sua própria imagem. É análogo à idéia de Freud da alteração interna que promove uma ação específica por parte do outro e este objeto, que participa da experiência de satisfação, só vai ser capaz de ter existência psíquica pelo seu poder de modificar a resposta sensorial[12].

O *infans* é destinatário de um discurso e de um desejo que lhe é heterogêneo, promovendo uma permanente exigência de trabalho enquanto a mãe se apresenta como um **eu falante**[9]. É um discurso pré-existente que se refere ao sujeito, precedendo ao seu nascimento, como uma espécie de **sombra falada** e suposta pela mãe falante. Esta última, tem, nesse período, a função de **porta-voz** privilegiada do discurso do bebê, inserindo-o no discurso do meio juntamente com as leis e exigências desse meio, projetando-se sobre o corpo do bebê e ocupando o lugar daquele a quem se dirige o discurso do **porta-voz**[9]. Significa que o sujeito é projetado, regressivamente,

ao lugar que o **porta-voz** havia ocupado em uma época passada, sendo protetor ou ameaçador, benéfico ou maléfico, mas sempre indispensável, porque sua perda conteria a perda de sua vida. Isto se deve ao fato de que a ponte entre o espaço corporal e o espaço psíquico que rodeia o *infans* ser representada pelo espaço psíquico materno, contendo sua história geracional, história edípica do casal parental e de seu reprimido.

Assim como a mãe é representante do outro, o pai é quem permite a mãe designar uma referência que garanta que seu discurso, suas exigências, suas proibições não sejam arbitrárias, mas culturais, as quais o discurso da mãe também está submetido.

Esses enunciados constituirão uma imagem identificatória que se **antecipa** a uma possibilidade de resposta do *infans*[9,10], manifestando-se de forma mais absoluta no momento inaugural em que a atividade psíquica do *infans* se vê confrontada com as produções psíquicas maternas.

Os encontros, no período do processo originário, são representados como tendo sido **auto-engendrados**, atribuindo-se à própria atividade psíquica sensorial a causalidade de todo afeto de prazer ou desprazer. Nesse sentido, considera que os elementos que constituem o encontro boca (*zona*) – seio (*objeto complementar com poder de estimulação*) **postos em relação** pelo **pictograma**[b] são indissociáveis, sendo o psiquismo do *infans* construído desde o desejo e desde a história dos outros que o precedem. Desta forma, se o seio é mau, a boca também o é. Ambos são representados como uma unidade no caso do prazer – pictograma do encontro, a qual desaparece no caso do desprazer – pictograma do rechaço, por repulsão entre eles. *O pictograma representará uma mesma unidade 'objeto-zona' como lugar de um duplo desejo de destruição, lugar em que se desenvolve um conflito mortal e interminável* (p.55)[9,10].

Segundo Piera Aulagnier, a relação especular é de grande importância, sendo através deste fenômeno que compreende a função da identificação primária em Freud, em que toda criação da atividade psíquica se apresenta para o psiquismo como reflexo, representação de si mesmo. *Se é aceito que nesta fase o mundo – o exterior à psique – não existe fora da representação pictográfica que o originário forja acerca dele, deduz-se que a psique encontra o mundo como um fragmento de superfície especular, em que ela mira seu próprio reflexo*[9]. Do exterior a si somente conhece, inicialmente, o que pode apresentar-se como imagem de si mesmo, através de sua própria imagem refletida[9,11].

A autora referiu no artigo *Demanda e Identificação* que na experiência de satisfação, ocorre uma relação de identidade, semelhança entre a demanda primária do bebê de que a mãe o deseje e o desejo materno de que

[b] Imagem sem palavra.

o bebê demande seu seio. Nessa vivência, o seio é suporte de uma demanda e de um desejo que devem coincidir[13].

Isto porque, nos três registros fundamentais que são a necessidade, o desejo e a demanda. O que a mãe deseja se converte naquilo que a psique do *infans* vai demandar e esperar: ambos desconhecerão a **violência primária** operada por uma resposta que pré-forma o que desde este momento será demandado e aquilo ao qual deverá renunciar. Tanto a necessidade que a **violência** representa como o desconhecimento que a acompanha, tornarão possível seu risco de excesso[9,13].

No desenvolvimento, é necessário que muito cedo ocorra a passagem para o processo primário, pelo fato de o originário ignorar o signo de relação. Somente quando se inicia o reconhecimento da existência de um espaço separado do próprio Eu, poderíamos estar na presença do **processo primário**.

Quando o conceito de separação é imposto, o primário deve começar a funcionar. A representação-coisa ainda não possível de ser pensada, é **fantasiada**, meio através do qual põe em marcha a construção de um sentido de realidade externa, via discurso da família e da economia afetiva que esse discurso possibilita ou perturba. O psiquismo representa nesse processo a relação eu – não eu, meio através do qual a realidade da ausência e do retorno da mãe possam ser representados no psiquismo. Assim, se reconhece a existência de dois espaços, mas não a existência de dois desejos, sendo **posto em cena** o poder ilimitado do desejo do outro.

Para Aulagnier[4], a realidade da separação se impõe causando negação e ódio e obrigando o psiquismo a destituir-se do poder de só auto-engendrar prazer. O que é figurado é o desejo da própria criança projetado em um dos pais ou o próprio desejo dos pais como sendo o causador do vivido; e isso só é possível devido à onipotência que é atribuída ao desejo do outro.

Da mesma forma, o desprazer também será atribuído ao desejo do outro, fundamentado na interpretação que é projetada sobre esse desejo, quando a atividade de fantasia remodela um fragmento do mundo conhecido como exterior, adequando-se às metas do desejo. Para ascender à realidade e à certeza da existência e do poder do próprio desejo, deverá impor-se à realidade da diferença presente entre o desejo da mãe e o do bebê. A não ser assim, impedirá o jogo pulsional.

Seguindo o desenvolvimento normal, a constituição do Eu implicará nas atividades de pensar, de construir, investindo em pensamentos com função identificatória, caracterizando o **processo secundário**. Regido pelo princípio de realidade, a nova forma de atividade consiste no aparecimento da função de intelecção, que implica no pensamento dizível, a partir do reconhecimento do enunciado. Toda fonte de excitação e toda informação só poderão ter acesso ao registro do Eu se puderem dar lugar à representação de uma idéia, quando a causa inteligível do sujeito pode ser conhecida pelo

discurso. Terá a função de interpretar o uso da linguagem pelo discurso da cultura, **pondo em sentido** o discurso pensado.

Uma vez que o Eu também é efeito da apropriação dos enunciados identificatórios que sobre ele formularam os objetos investidos, ele deveria dispor, permanentemente, de um capital de fantasias singulares para garantir os dois princípios do funcionamento identificatório: **permanência** e **mudança**[11,14]. O enunciado falso, para Piera, desvenda o desejo materno que proíbe ao sujeito de saber, mantendo-o alienado de seu próprio espaço e tempo, porque ninguém pode fazer que **nada mude,** quando o desejo de mãe consiste no desejo de repetir de forma especular sua relação com o filho, sendo impossível aceitar o novo, ou **querendo que tudo mude,** que ocorra um corte, que fique fora do tempo, fora da história, fora de tudo que pertença ao seu conteúdo mnêmico. Incluindo fundamentalmente uma dimensão temporal de mudanças, significaria defender a diferença dos tempos (sua passagem) e do objeto de desejo.

Para Piera, este é o meio de dominar a pulsão de morte, pelo trabalho de ligação – uma vez que o sujeito está sempre **condenado a investir**[14].

Quando o **processo primário** e **secundário** foram lesados, o **processo originário** toma conta, para onde o psicótico retorna, quando o desejo de vida traz desprazer, momento em que o sujeito lutaria para não desejar. Desta forma, refere-se a pulsão de morte como "desejo de não desejo"[14], quando ocorre um desinvestimento e um triunfo da pulsão de morte sobre Eros, conduzindo a um sentimento de vazio, a um nada. Frente a perda real, dá-se, normalmente, lugar ao trabalho de luto, através do qual o sujeito trata de recuperar a libido a espera de um novo objeto no qual possa investir. No entanto, existem objetos que não são substituíveis, por exemplo, uma criança não pode viver se não conserva, de alguma forma, um investimento com o objeto materno ou seu substituto; bem como, um sujeito não pode viver se não conserva um mínimo de investimento em relação com seu corpo. Assim sendo, se torna necessário que, seja qual for o sofrimento que provocam os objetos externos necessários para a vida ou o sofrimento de origem somática, não poderão ultrapassar determinado umbral que leve o sujeito a um desinvestimento tal, deixando livre o caminho para a pulsão de morte. Este trabalho é atribuído ao Eu, que deverá recuperar-se e proteger-se mediante uma busca no registro causal que se oponha ao movimento de desinvestimento.

As patologias decorrentes da falha desta função estão relacionadas à ausência de autonomia do Eu em relação à sua história libidinal e em relação à realidade fundamental. Vai conter a história de sua origem, nome, sexo, desejo sem poder ser questionável. Contrariamente, uma condição saudável para poder pensar deverá satisfazer as exigências do Eu quanto à verdade, à causalidade e à busca de provas, bem como à exigência de poder duvidar, poder suportar a idéia da incerteza, da castração.

Finalizando, Piera aborda o aspecto da influência transgeracional, portanto Ics, questão atual e difícil de ser identificada na clínica, através da idéia de que a potencialidade psicótica é o resultado do "**enquistamento**" de uma teorização sobre a origem não reprimida, que, enquanto segue sento um **quisto** pode permitir que paralela e contraditoriamente, junto a ela, se desenvolva um discurso que apenas aparentemente concorde com o discurso dos outros. Desta forma, o Eu adota um discurso que não concorda com seus fundamentos, fazendo coincidir conceitos contraditórios sobre seu SER, seu DESEJO e seu MUNDO[9]. Poderão aparecer aspectos **enquistados** também na potencialidade perversa, ao ser uma defesa contra a psicotização do sujeito, quando ele toma para si um modo de ser que nada mais é do que o fruto da **violência secundária** exercida sobre ele, mas contra o qual lutou sem obter, de todo, êxito.

Podemos sustentar esta compreensão resgatando o artigo de Freud, *Esquema de Psicanálise*[16], publicado postumamente. Neste, ele refere que o Id e o Superego, apesar de sua diversidade fundamental, possuem uma coisa em comum: ambos representam as influências do passado; o Id as do passado herdado, o Superego, essencialmente, as do passado assumido por outros, enquanto o Ego é determinado, principalmente, pelas vivências próprias do indivíduo – pelo atual e acidental[16].

Referências

1. Biographie de Piera Aulagnier – Quatrième Groupe arquivos. Disponível em: http://quatrieme-groupe.org/fiche_biographie. php. Acesso em: 17/9/2006.
2. Violante MLV. Piera Aulagnier: uma contribuição contemporânea à obra de Freud. São Paulo: Via Lettera Editora e Livraria; 2001.
3. Freud S. El yo y el ello (1923). In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago; 1976. v. 19. p.1-66.
4. Aulagnier P. Como podemos não ser persas? (1968). In: Um intérprete em busca de sentido. São Paulo: Escuta; 1990. v. 1. p.39-57.
5. _____. Sociedades de psicanálise e psicanalistas de sociedade (1969). In: Um intérprete em busca de sentido. São Paulo: Escuta; 1990. v. 1. p.59-100.
6. Freud S. Totem e tabu (1913). In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago; 1989. v. 13. p.1-164.
7. Francischelli D. Introdução à teoria de Piera Aulagnier. Revista do CEPdePA 1996;5(4):25-37.

8. Hornstein L, Aulagnier P, Pelento ML, Green A, Hornstein MCR, et al. Cuerpo, Historia, Interpretación. In: Piera Aulagnier: de lo originário al proyecto identificatorio. Buenos Aires: Paidós; 1994.
9. Aulagnier P. La violência de la interpretación: del pictograma al enunciado (1975). Buenos Aires: Amorrortu; 1993.
10. Levin de Said AD. El sostén del ser: las contribuciones de Donald W. Winnicott y Piera Aulagnier. Buenos Aires: Paidós; 2004.
11. Revista eletrônica da AEAPG. Revista "Psicoanálisis: ayer y hoy" no. 1 Entrevista a la doctora Piera Aulagnier, por María Cristina Rother de Hornstein y Luis Córdoba. Mayo de 2004.
12. Freud S. Proyecto para uma psicologia cientifica (1950). In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago; 1989. p.323-446.
13. Aulagnier P. Demanda e identificação (1968). In: Um intérprete em busca de sentido. São Paulo: Escuta; 1990. v. 1. p.189-232.
14. _____ . Condenado a investir (1968). In: Um intérprete em busca de sentido. São Paulo: Escuta; 1990. v. 1. p.281-310.
15. _____ . Os dois princípios do funcionamento identificatório: permanência e mudança (1984). In: Um intérprete em busca de sentido. São Paulo: Escuta; 1990. v. 2. p.181-94.
16. Freud S. Esquema de psicanálise (1940). In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago; 1989. p.133-209.

Recebido em: 05/03/2009 Aceito em: 09/03/2009

Endereço para correspondência:

Augusta Gerchmann
Rua João Abott, 319, sala 505
90460-150, Porto Alegre, RS
Fone/fax: (51)3330-1559 / 7814-0312
E-mail: augustagerchmann@hotmail.com